

Karen de Souza Colares\*\*

BINGEMER, Maria Clara. *Latin American Theology: roots and branches*. Maryknoll: Orbis Books, 2016. 133 p.

**P**refaciando a obra, Catherine Cornille insere os leitores no ambiente mais amplo da questão da multiplicidade com que a fé cristã se expressa neste momento histórico. Este dado, longe de apenas constatar a diversidade, levanta importantes questões sobre o relacionamento entre igreja universal e local. A exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* é mencionada como aporte bem vindo à tarefa de inculturação e contextualização que inevitavelmente perpassa o pensamento teológico. O apelo a esta interpenetração se faz necessário quando o pano de fundo à questão ainda está embebido da ideia de que os modelos teológicos nascidos na Europa são os normativos, sendo as teologias locais apenas formas de expressão das mesmas constatações. No desejo de que diferentes tradições teológicas se enriqueçam mutuamente, o Departamento de Teologia do Boston College estabeleceu a cadeira Duffy em Cristianismo Global. A cada ano, um teólogo de um diferente continente é convidado para ocupar esta cadeira e conduzir os estudos em torno dos desafios da interculturalidade a partir de seu contexto específico. A obra em questão é fruto da reflexão conduzida neste ambiente por Maria Clara Bingemer, quando de sua atuação.

Ao introduzir sua obra, Bingemer levanta a pergunta a respeito do porquê de mais um livro a respeito da Teologia Latino-Americana. A atuação do Papa atual, Francisco, com todas as mudanças que a mesma vem acarretando ao cenário

\* Recebido em: 27.09.2019. Aprovado em: 02.11.2019.

\*\* Doutoranda em Teologia na área de Teologia da Práxis (FAJE). Mestre em Teologia na área de Teologia Sistemática (FAJE). Especialista em Gestão de Programas e Projetos Sociais (Centro Universitário UNA). Graduada em Teologia (Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix). Bolsista CAPES. *E-mail*: karencolares5@gmail.com

eclesial e teológico, é, para ela, um despertar da atenção do mundo para este continente e conseqüentemente, de maior credibilidade à teologia aqui produzida. Com a renovada produção, fica patente, que ao contrário do que alguns pensavam a teologia da Libertação não está morta. Cabe, portanto, compreender os obstáculos enfrentados na trajetória desta Teologia – apontamento que a autora se sente capaz para realizar tendo em vista ter vivido e estudado pouco tempo após o Concílio Vaticano II, percebendo em primeira mão, o desenvolvimento desta Teologia no Brasil. Em seguida, a autora descreve de maneira meticulosa a divisão de sua obra, contemplando de forma detida, o conteúdo de cada uma – o que será exposto na apresentação que se segue.

O primeiro capítulo tem como proposta demonstrar as origens e as dificuldades enfrentadas no desenvolvimento de uma Teologia Latino Americana, conduzindo o leitor até o estado atual da questão. Para isso, a autora traça breve panorama histórico do processo de evangelização que se deu no continente, processo este, atrelado à colonização e, portanto, ambíguo. Ao enumerar as questões que emergiram dessa relação, demonstra eficazmente toda a complexidade do Cristianismo Latino Americano: a relação estreita entre fé, política e economia; a associação entre a violência simbólica e psicológica, representada pelo jargão “a cruz e a espada”; a aceitação de formas extremas de exploração de trabalhadores humanos, juntamente com o abuso de mulheres indígenas e africanas como sustentáculo do crescimento desta população e finalmente, a consolidação da concepção da evangelização como dominação. Assim, demonstra-se que desde as raízes da elaboração teológica Latino Americana, a questão da justiça é inalienável. Em uma segunda etapa de seu panorama, Bingemer coloca em cena o Concílio Vaticano II e sua relação com a Teologia Latino Americana. A grande fertilidade da Teologia chamada da Libertação na década de 70 foi posteriormente, enuviada pela sombra dos acontecimentos que se seguiram. Com a eleição do Papa João Paulo II, os teólogos da libertação foram sem mais, associados com as categorias Marxistas de análise social e grande oposição se estabeleceu em relação ao método ver-julgar-agir. A despeito de todas as objeções colocadas à Teologia Latino Americana da Libertação, esta não sucumbiu às mesmas, mas ampliou o espectro de sua atuação para incluir outras naturezas de pobreza antropológicas.

O capítulo dois busca demonstrar de que maneira o pobre se constituiu como sujeito e método do fazer teológico Latino Americano. Para tanto, a autora esclarece o que vem a ser exatamente o pobre em questão. Para além da definição da pobreza como carência material, a questão é problematizada, demonstrando-se que esta, não pode ser pensada como fruto de preguiça ou de uma entidade demoníaca, mas deve ser vista como uma complexa realidade, que tem aspectos econômicos, mas não apenas. A marginalização social, a exposição à morte prematu-

ra, entre outros, são incluídos na percepção de como se desdobra a situação de pobreza e vulnerabilidade. A ação de Jesus de Nazaré é apresentada para demonstrar a preferência ao excluído, embora sem exclusividade e os pais da Igreja são mencionados em seus ardentes apelos no sentido de que a Igreja tivesse sempre em seu foco, os pobres, reiterando mais uma vez, que a opção pelos pobres não se trata de uma inovação teológica, mas da recuperação do coração da mensagem do Evangelho. Bingemer menciona oportunamente, o chamado Pacto das Catacumbas, tratado assinado em 1965 por 40 bispos e que delineava, mais do que uma ação eclesial a favor dos pobres, mas um modo de ser igreja pobre e assim, estar verdadeiramente encarnado na realidade destes para lhes ser relevante na palavra e ação. Muito burburinho se formou em torno da questão de como concretizar essa encarnação. Caminhos como a conversão de interesses, revezamento entre uma vida dedicada à causa e a vida social ordinária e a radicalidade expressa no modelo encarnacional foram sugeridos como viáveis dentro da diversidade das vocações no intuito de fazer fidelidade a esta opção. A elucidação de que, para além de um método de análise sócio-econômica, a atenção dada às vítimas da injustiça na sociedade, é, na verdade, uma questão teológica e de resgate do centro do Evangelho como boas novas aos necessitados, encerra o capítulo.

Enquanto isso, fora do âmbito eclesial, se desdobraram várias reivindicações femininas que serão o ponto de partida das reflexões do terceiro capítulo. A Teologia da Libertação não se reconhece hoje sem a consideração da contribuição das questões de gênero e dos direitos humanos. O pontapé inicial deste diálogo se deu em meados de 1968 a partir da conferência de Medellín que buscava avaliar a recepção do Concílio Vaticano II em terras Latino-americanas. A opção preferencial pelos pobres será a característica que distinguirá a Teologia feminista deste continente das elaboradas em outros lugares, exatamente pela percepção de um fenômeno nomeado como feminilização da pobreza, ou seja, a pessoa que está em condição economicamente vulnerável, terá uma sobreposição de dificuldades se também for mulher. Suas oportunidades serão dramaticamente reduzidas por conta de seu gênero, tornando urgentes as reflexões que busquem desmascarar a injustiça presente nos discursos fomentadores destas práticas. A autora demonstra que para além da luta por igualdade, as lutas feministas se concentram primordialmente no direito de ser diferente. Ser diferente é encarado dentro dos movimentos feministas sob duas óticas: a percepção de que as diferenças são essenciais ou intrínsecas ou de que na verdade, são construções histórico-sociais. A necessidade de harmonizar o discurso teológico feminista com aquele produzido em outras áreas da ciência é apresentada como um desafio a se desdobrar a partir da década de 90. Neste ponto, as revisões acerca da antropologia, cosmologia, identidade feminina, entre outras,

se constituíram em ponte para o diálogo entre o que estava sendo produzido na América Latina e o restante do mundo. O capítulo é finalizado com a definição de algumas das temáticas que passaram a compor a agenda da Teologia Feminista como sexualidade, moralidade, direitos do corpo, vocação feminina, etc. Nestas, é reconhecido que teólogas protestantes puderam caminhar a passos mais largos do que suas irmãs católicas.

O pobre e a terra é relação em destaque no quarto capítulo. A crise experimentada pela Teologia da Libertação em 1989 advinda das grandes mudanças em curso ao redor do mundo tais como a queda do Muro de Berlim e o colapso do real socialismo, forçou a que as esperanças dos teólogos da Libertação se expandissem. A percepção de que não era suficiente se debruçar sobre a pobreza no nível sócio-político-econômico embalou seu desenvolvimento rumo a uma visão ecológica em conexão com as demandas antropológicas. Notoriamente, no processo de exploração dos recursos naturais que visa atender ao consumismo característico do sistema capitalista vigente, os pobres são espoliados de maneira contundente, dada sua escassez de recursos até mesmo de resistência a tais resoluções.

Bingemer dá atenção especial ao teólogo Leonardo Boff em sua profícua produção relacionando o cuidado da terra e questões sócio antropológicas. Boff desdobrou as várias implicações humanas do uso irrefletido e desmesurado dos recursos naturais. Uma orientação cada vez mais cósmica se formou a partir de seus estudos, seguindo os passos de teólogos que já faziam este tipo de elaboração mesmo antes do advento da prevacente preocupação ecológica, como Thomas Merton. Para finalizar esta parte, o Ecofeminismo é apresentado. O alvo comum do Feminismo e da luta ecológica em torno da extinção de toda forma de exploração e domínio, é o fio norteador desta intrincada parceria. Os créditos da criação desta vertente são dados à feminista francesa Françoise d'Eaubonne. Já na América Latina, a teóloga Ivone Gebara é apontada como sua principal representante. A ideia de Gebara é que o Ecofeminismo não apenas abre a possibilidade de real igualdade entre homens e mulheres em diferentes culturas, mas também a um diferente relacionamento entre as mulheres, a terra e conseqüentemente, todo o cosmo. A necessária educação aos pobres para que se tornem protagonistas nas lutas ecológicas é o fechamento deste capítulo.

Finalizando a obra, o quinto capítulo se dedica à necessidade de diálogo entre a teologia e outras tradições. Através de breve, mas eficiente recapitulação da história da colonização da América Latina, a autora deixa claras as raízes pluriculturais e religiosas que estão no nascedouro da sociedade Latino Americana atual. Apoiada pelo poder político e militar, a evangelização na América Latina deixou grande rastro de abusos e incoerência com a mensagem cristã. A situação

do Brasil é ainda mais complexa do que a de outras localidades tendo em vista sua tripla matriz cultural. O catolicismo que aí se instalou se alimentou hora mais, hora menos, da riqueza advinda destas matrizes. Sua associação com a conquista Europeia erigiu muitas barreiras para o diálogo com os povos indígenas que são numerosos no país. Os africanos trazidos para escravização cuidaram em mascarar suas reais crenças sob o manto das práticas cristãs que podiam ser aceitas por seus dominadores, resultando em sincretismo constatável na atualidade. Todas essas realidades são elencadas no propósito de demonstrar que, a despeito do que se pensa, interculturalidade e diálogo inter-religioso não são fenômenos recentes. Bingemer aponta para a necessidade implícita de que as múltiplas pertencas religiosas e culturais dialoguem afim de que se alcance o objetivo comum que é a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Concluindo este admirável excerto, a autora elege como necessário visitar o passado para caminhar rumo ao futuro. Os dias primevos da elaboração da Teologia Latino Americana devem ser rememorados como fonte de inspiração e direção. O método ver-julgar-agir é permanente convite a que a realidade seja contemplada e avaliada criticamente e, então, um curso de ação possa ser traçado. Os novos desafios sempre instilarão renovada fidelidade à prioridade traçada no começo: a compaixão Divina pelos necessitados e marginalizados.

Acessível ao público leigo, altamente informativa e inspiradora de boas reflexões. Apresentar o nascedouro, desenvolvimento e apontamentos para o futuro da Teologia Latino Americana, de maneira clara, sucinta e sólida é o resumo mais eficaz da referida obra.